

Apresentação

Pensar a escrita de José Cardoso Pires é, sem dúvida, uma experiência intensa e engrandecedora. Analisar e confrontar-se com a obra de um escritor que possui um comprometimento ético e político exemplar, aliado a um complexo e contagiante mecanismo de escrita, faz desta relação um despertar para um novo modo de encarar a literatura.

Ao adentrar no intrigante e multifacetado universo de José Cardoso Pires, não encontramos, em um primeiro momento, itinerários claros e palpáveis onde possamos nos apoiar. A leitura não caminha de forma simples. Percebemos que sua escrita é composta por um arcabouço de possibilidades e diversos níveis de leitura se mostram viáveis. O autor joga com vários planos narrativos e exige do leitor uma atenção extrema para alcançar, ou seja, decodificar as pistas deixadas nas entranhas do texto.

Cardoso Pires, herdeiro do neo-realismo, mostra-se coerente em sua trajetória, porém funda uma nova concepção de escrita, afastando-se do legado deste movimento. O autor faz de sua obra um marco da nova geração de ficcionistas que, na década de 60, traçaram novos rumos para a criação romanesca em Portugal. Cardoso Pires abandona um modelo de intervenção político-literária direta, optando por uma escrita híbrida, que dá lugar a uma tessitura marcada pela multiplicidade de planos e registros.

O escritor escreve *O Delfim*, obra a ser explorada neste trabalho, em um período marcado pela repressão salazarista e, a partir daí, constrói seu romance apesar do manto castrador da censura estadonovista. Vemos, em tempos sombrios, *O Delfim* surgir como um verdadeiro manifesto ao discurso hegemônico e, nas entrelinhas do texto, assistimos ao autor traçar um discurso paralelo que, de forma sistemática, dá ao leitor a possibilidade de observar os vários mecanismos de construção e difusão de enunciados.

Neste sentido, Cardoso Pires marca posição em meio a este conturbado contexto político, utilizando sua obra, também, para falar de suas convicções e trazer à luz um discurso que se contrapõe às versões oficiais geradas pelo Estado.

Para tal, o autor desenvolve no romance três níveis narrativos que, unidos, vislumbram uma revolução e encenam, na obra, um desejo de transformação. Desta forma, encontramos um enredo que, em sua superfície, queda-se sobre a investigação de um suposto crime que abalou e possibilitou uma mudança brusca de paradigma em um povoado denominado Gafeira. Esta investigação é capitaneada por um escritor que, ao retornar ao local, colhe diversos depoimentos e depara-se com um emaranhado de versões na tentativa de reconstituir um crime que fez de um lugar, há tempos monopolizado por uma família, um exemplo de socialização bem sucedida. Esta socialização constitui outro aspecto importante da narrativa e, tendo em vista o regime autoritário vigente em Portugal à época, a partir de seu entendimento, conseguimos destacar o caráter transformador da obra. No campo da enunciação, encontramos um narrador em primeira pessoa preocupado, ao mesmo tempo, em narrar a história e escrever um livro.

Vemos Cardoso Pires construir uma estrutura complexa, onde diferenciados níveis de leitura são possíveis. Ao mesmo tempo em que desenvolve um enredo plano, capaz de entreter o leitor em uma aparente intriga policial, percebemos um universo de possibilidades interpretativas surgir de forma velada, desenvolvendo-se nos subterrâneos do texto. O autor traça um forte e engajado contra-discurso que se estabelece nas malhas do texto e faz do leitor mais atento um companheiro na busca pelo entendimento dos processos de produção de “verdades”.

Cardoso Pires, aludindo a este suposto leitor, que aqui chamei de “atento”, comenta:

(...) o ato de escrever é também em si mesmo uma leitura, uma leitura solitária, e daí que cada romancista se possa definir pelo tipo de “leitor-ideal” com que vai dialogando enquanto redige. Está nisso todo um jogo dialéctico e não uma simples acção de empatia. Será um desdobramento, se quisermos; uma recusa constante de identificação com o personagem de forma a que a voz interior dele e a do autor se realizem em paralelo e vão ao mundo, à vida. Por essa razão é que eu acho que o “estilo” de cada autor se pode avaliar pelo seu conceito de leitor a quem se dirige, ou seja, pela exigência que faz dele e do seu instinto.¹

Desta forma, se pensarmos a que tipo de leitor é dirigido *O Delfim*, vemos que deste leitor é exigido um alto nível de complexidade interpretativa, pois encontramos uma multiplicidade de registros, onde cada plano que se apresenta

¹ PIRES, José Cardoso. “Visita à oficina; I-Memória Descritiva”. In: *E agora, José?*. Lisboa: Dom Quixote, 1999, p- 119-120.

nos permite uma infinidade de possibilidades e uma leitura menos cuidada atingiria, apenas, uma pequena parcela de toda potencialidade narrativa contida na obra.

Como defendeu Eduardo Prazeres dos Santos², Cardoso Pires dialoga, no romance, com a realidade política de seu país e, neste sentido, entendemos que o autor buscou traçar n’*O Delfim* uma escrita capaz de dar a ver a falibilidade dos discursos e, portanto, demonstrar o quão particular são as verdades neles encontradas.

A partir da construção de uma estrutura imbricada e superposta, Cardoso Pires nos permite questionar as verdades oficiais impostas pelo sistema, fazendo da Gafeira o microcosmo de um Portugal oprimido e acuado pela retórica do poder. Cardoso Pires desloca para a Gafeira a realidade vivida em Portugal e desenvolve um constante questionamento em torno de conceitos como retórica, discurso e verdade.

No entanto, não encontramos de forma clara os mecanismos que permitem a visualização destes questionamentos. O autor apresenta idéias em constante movimento no texto, e, ao mesmo tempo em que uma dada estrutura se manifesta, outra se esconde, transformando o leitor em um verdadeiro detetive em busca de pistas deixadas pelo escritor.

Esta complexidade não se dá por acaso. Como já foi dito, Cardoso Pires escreve o romance em um período marcante da história de Portugal. Falamos aqui de uma ditadura longa e sufocante, que atravessou décadas e obrigou a intelectualidade portuguesa, em particular os escritores, a desenvolver procedimentos capazes de cifrar suas mensagens e, de forma velada, estabelecer uma comunicação ativa com seu público (leitores).

Cardoso Pires, consciente de seu papel, buscou de forma exemplar dar a ver um sistema que se queria legítimo pela força e pela imposição ideológica. Desta maneira, esforçou-se por desenvolver, em sua escrita, formas paralelas de combate e, através de uma escrita compromissada, procurou “descosturar” os nós

² Eduardo Prazeres dos Santos defendeu em 2003 sua dissertação de mestrado intitulada *Um Romance Policial e uma Trama Política: duas histórias imbricadas no O Delfim, de José Cardoso Pires*. Em seu texto, Eduardo defende a idéia de estar, *O Delfim*, ancorado em uma estrutura dual, onde temos duas histórias sendo narradas: uma intriga policial e uma trama política. Diz ele: “(...) a narrativa policial e a política, inseridas no livro, parecem comprovar a existência de duas histórias imbricadas no romance: uma visível e uma secreta, escolhidas como primeiros eixos de reflexão deste trabalho”. (p-12)

que sustentavam o discurso estatal. Como escritor, entendia que a “primeira tarefa dos intelectuais deveria ser a de impedir que o monopólio da força torne-se também o monopólio da verdade”³.

Desta forma, a partir d’*O Delfim*, conseguimos vislumbrar um intenso jogo entre o que efetivamente está escrito e o que se quer dizer, pois percebemos um constante deslocamento de signos que confunde os nossos olhos, mas que, pode permitir uma profunda reflexão quando somos capazes de enxergar além da superfície. Assim, neste contexto, é importante perceber que:

[...] as relações da literatura com a história e a realidade são sempre elípticas e cifradas. A ficção constrói enigmas com os materiais ideológicos e políticos, os mascara, os transforma, os coloca sempre em outro lugar.⁴

Nesta conjuntura, caminhamos para o encontro de uma, já muito trabalhada, teoria de Hemingway que encara o fazer literário como um constante processo de escamoteamento. Em sua teoria, o autor utiliza-se da imagem de um *iceberg* comparando-o à literatura. Segundo ele, a literatura, assim como o *iceberg*, deve deixar à vista apenas uma pequena parcela de seu todo e, conseqüentemente, dar ao leitor a oportunidade de inferir a parte faltante desta relação. Encaramos a literatura, portanto, como um jogo, onde o autor, ao mostrar uma peça, esconde muitas outras e, neste sentido, o leitor caminha à procura de indícios que o levem ao encontro das peças que restam para montar seu próprio quebra-cabeça.

Ricardo Piglia, importante pensador argentino, aproxima-se também desta idéia e entende a literatura como um processo indireto de produção de sentidos. Neste contexto, Piglia vê o escritor como sendo o responsável por construir uma estrutura que contemple sempre o implícito, o velado, pois acredita que “lo más importante de una historia nunca debe ser nombrado, hay un trabajo entonces muy sutil con la alusión y con el sobreentendido”⁵.

Partindo desse pressuposto, vemos Cardoso Pires introduzir, no texto d’*O Delfim*, chaves de leitura que permitem uma série de caminhos interpretativos.

³ BOBBIO, Norberto. “Intelectuais e Poder”. In: *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Unesp, 1993, p-81.

⁴ PIGLIA, Ricardo. *O Laboratório do Escritor*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1994, p-72.

⁵ PIGLIA, Ricardo. *Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001, p-17;

Cada personagem, cada movimento da narrativa, mostra-se potencialmente um signo a ser desmembrado e, neste sentido, deparamo-nos com a necessidade de se ler o romance de forma particular, para que possamos chegar o mais próximo possível do que seria uma leitura ideal. Sobre isto, Alexandre Montauray nos ensina que:

Esta pedagogia está, em grande parte, empenhada no adestramento de um tipo ideal de leitor, aquele que saberá desconfiar das premissas em que se baseia qualquer enunciado. É uma espécie de desconfiança do discurso oficial que na narrativa de Cardoso Pires está amparada. Isto significa que está montada para ser saborosamente descodificada pelo leitor que seja hábil em fazê-lo.⁶

Neste sentido, procuramos, neste trabalho, ir em busca destas chaves de leitura e, tendo a imagem de um “leitor ideal” como norte, tentamos traçar uma linha interpretativa do romance capaz de dar conta de determinados aspectos que acreditamos ser de fundamental importância.

Optamos por ancorar este estudo na investigação dos mecanismos utilizados por Cardoso Pires na construção de um discurso velado, que se camufla na aparente superfície do texto e nos permite refletir sobre os processos que possibilitam um Estado de exceção manter-se vivo e ideologicamente legitimado por quarenta e oito anos.

A partir da análise d’*O Delfim*, procuramos entender como uma verdade se desenvolve no interior do discurso, possuindo, portanto, um caráter subjetivo, aproximando-nos de uma idéia plural de verdade, onde nos é permitido questionar todo tipo de enunciado que se queira único e hegemônico. Procuramos, aqui, demonstrar como esta obra se desenvolve em torno de um questionamento do conceito de verdade e se estrutura em níveis diferentes de interpretação.

Nesta jornada, caminharemos de mãos dadas com alguns teóricos que, a partir de seus estudos, possibilitaram o entendimento de conceitos que nortearam nossa pesquisa. Assim, quando utilizamos termos e/ou conceitos como “verdade” ou “retórica”, temos em vista os autores trabalhados e, conseqüentemente, as conclusões tiradas destes estudos.

Com isso, este trabalho divide-se em duas grandes partes que, por conseguinte, subdividem-se em outras menores.

⁶ MONTAURY, Alexandre. “O Delfim, narrativa de entrelinhas”. In: *Semear* 5.

Na primeira, buscamos discorrer sobre os pressupostos teóricos, bem como sobre a contextualização histórica, para deles retirar a base de nossas considerações acerca do romance. Buscamos, aqui, indicar os alicerces deste trabalho e, conseqüentemente, entender a origem de certos caminhos traçados no decorrer da análise do texto.

Entendemos, desta forma, a importância de uma linha interpretativa a ser seguida, de maneira a encontrar um arcabouço teórico basilar de sustentação. Nesta direção, entendendo a importância de se fazer uso de preceitos teóricos para a fundamentação de discursos, o filósofo Gilles Deleuze, em conversa com Michel Foucault, discorre acerca do papel da teoria e apresenta-a como uma ferramenta, um instrumento a ser utilizado com propósitos determinados. Afirma que cada contexto exige uma teoria que melhor supra seus objetivos e, portanto, ilustre, ou pelo menos dê conta, dos anseios de quem a utiliza. Vemos que Deleuze entende a teoria como um meio e não como um fim. O filósofo mostra que a teoria deve ser utilizada como um mecanismo para se chegar a um determinado lugar e, portanto, devemos escolher os conceitos que melhor se adequem à realidade a ser trabalhada. Diz ele: “Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma.”; e para melhor ilustrar seu pensamento cita Proust: “tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhes servem, consigam outros”⁷

Neste contexto, este capítulo destina-se, portanto, a discutir a maleabilidade do conceito de verdade e, consecutivamente, entender como o Estado Novo português utilizou esta verdade como um mecanismo de dominação. Além disso, buscamos também entender em qual contexto está inserido o escritor, depreendendo o papel exercido por ele nesta conjuntura.

A segunda parte desta dissertação destina-se a análise do romance *O Delfim*. Tendo a conceituação de verdade como linha mestra, procuramos demonstrar como o escritor José Cardoso Pires constrói uma estrutura que dialoga com o leitor e, a todo o momento, se questiona sobre as verdades apresentadas. Este capítulo busca demonstrar as diversas verdades contidas no texto e dar a ver a funcionalidade deste mecanismo de escrita criado por Cardoso Pires.

⁷FOUCAULT, Michel. “Os intelectuais e poder”. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002, p-71.

Neste sentido, o capítulo em questão parte de uma análise mais ampla do romance, dissertando um pouco sobre sua estrutura e seus mecanismos. Em seguida, os sucessivos subcapítulos dedicam-se a investigar as muitas verdades contidas no texto, tendo como foco os diversos personagens criados por Cardoso Pires para ilustrar seus questionamentos.

Partimos de uma visão externa à obra e nos dirigimos em direção ao interior dela. Juntamente com Cardoso Pires procuramos adentrar nas diferentes e cambiantes verdades do texto, dialogando com os personagens vários que se apresentam no romance.

Uma obra plural, questionadora, onde política e ficção se misturam, é o objeto de estudo desta dissertação e compreender um mecanismo de escrita que se alimenta das entrelinhas do texto é o intuito deste estudo.